O poder nasce da organização social | Carta semanal 47 (2026)



Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Há quatro décadas, numa cidade rural de Bengala Ocidental, eu estava sentado dentro de um escritório do governo local (*panchayat*) quando uma mulher apareceu à porta e começou a repreender um funcionário municipal. A mulher, uma trabalhadora agrícola, havia levado uma questão ao escritório local e não tinha recebido resposta dos funcionários (não me lembro da natureza exata de sua queixa ou solicitação). Ela estava acompanhada por um membro do comitê local do sindicato dos trabalhadores agrícolas (uma organização de massa comunista), que se juntou a ela para repreender o funcionário. O funcionário eleito, do movimento comunista local, foi educado; pediu desculpas e se retirou para tratar do assunto. A mulher saiu satisfeita com o resultado. O funcionário explicou que o escritório frequentemente atrasava o cumprimento de suas obrigações por falta de pessoal, e que a solicitação ou queixa da mulher era justa e que seria resolvida imediatamente.

O que me interessou nesse encontro não foram as dificuldades do escritório nem a promessa do funcionário, mas dois outros fatos: primeiro, a confiança da mulher em ir ao escritório apresentar seu caso ao funcionário e, segundo, a presença do representante da organização de massas que a acompanhou. Uma mulher acostumada a seguir ordens foi com sua companheira insistir em ter voz ativa no que aconteceria a seguir. O problema que ela enfrentou talvez não tivesse desaparecido, mas o que poderia ter sido uma frustração pessoal a ser suportada (e que talvez se transformasse em fatalismo) tornou-se algo que poderia ser transformado por meio da atividade coletiva ou mesmo da ação individual com o apoio do coletivo. O incidente permanece comigo porque revela algo sobre um dos fundamentos do poder socialista – o que chamamos de poder social.



O nosso mais recente dossiê, ***Estratégia socialista na arquitetura do poder*****,** distingue entre três formas interligadas de poder:

- Poder social, que cresce através das organizações e capacidades coletivas dos trabalhadores.
- Poder governamental, que fornece acesso às instituições de administração e políticas públicas por meio das quais um programa pode ser executado.
- Poder sistêmico, por meio do qual há uma transformação do caráter de classe do Estado e das relações fundamentais que organizam a produção, a propriedade e a vida social.

Essa compreensão multifacetada do poder nos permite fazer uma pergunta central da estratégia socialista: como as pessoas, por meio da organização popular, se tornam fortes o suficiente para governar suas vidas e transformar a sociedade? A publicação deste dossiê se dá em meio a um ciclo de grandes **protestos**, da Europa à Índia, que levam a indignação popular às ruas. No entanto, sem o trabalho paciente de organização, esses protestos podem se dissipar facilmente, como aconteceu durante a Primavera Árabe, por exemplo. O dossiê questiona que tipos de organizações, instituições e capacidades políticas podem transformar momentos de mobilização em poder social duradouro e conectar esse poder à luta por transformações governamentais e sistêmicas. É essa infraestrutura organizacional de emancipação que queremos examinar. Convidamos você a refletir conosco sobre essas questões.

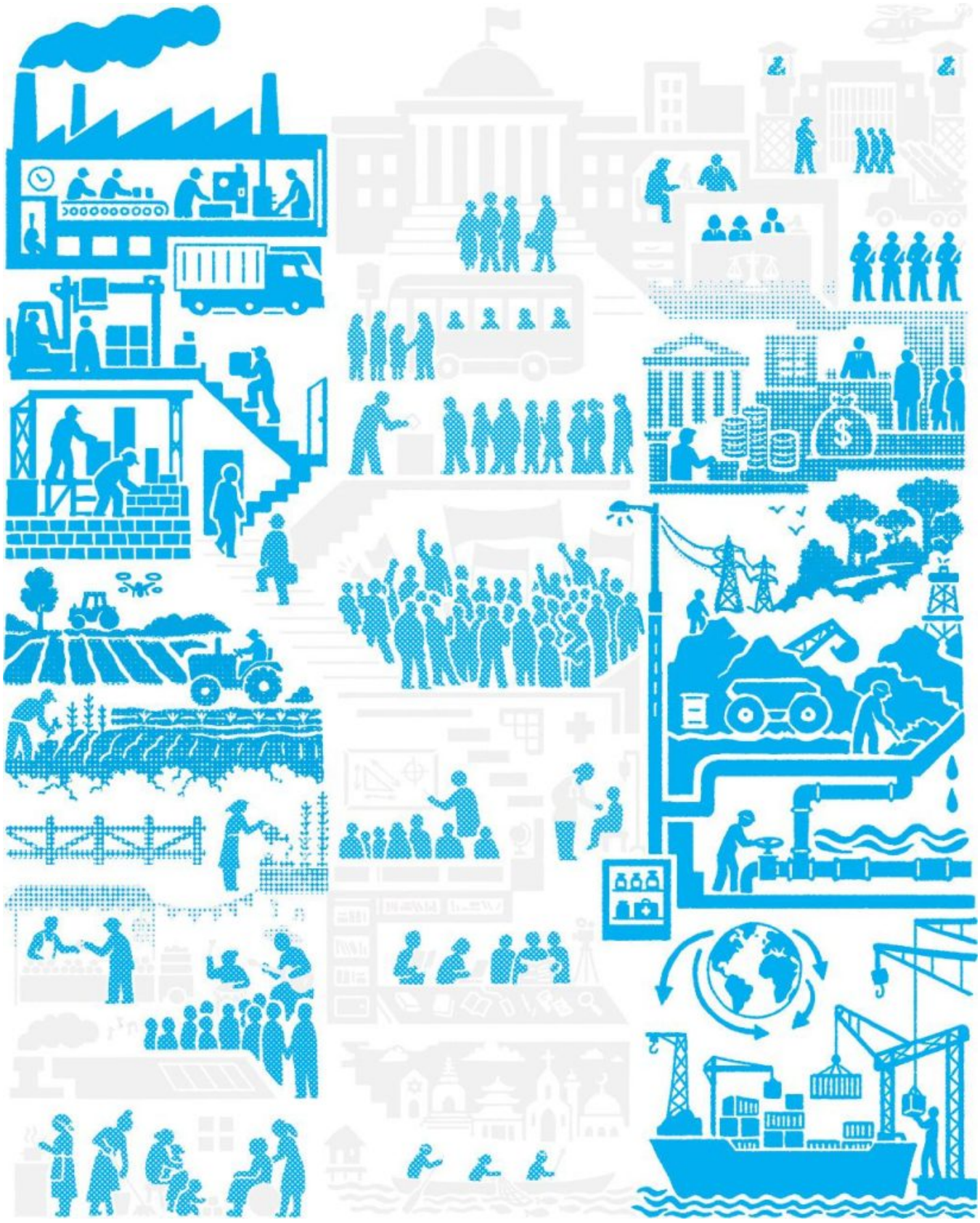


No Instituto Tricontinental, temos estudado algumas das formas mais concretas de poder social, incluindo o **movimento cooperativista** liderado por comunistas no estado indiano de Kerala e os **assentamentos** do

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil. Ambos mostram que o poder social não se constrói apenas por meio de momentos isolados de ação coletiva. O que o poder social exige são organizações enraizadas em uma teoria de transformação social que construam campanhas populares e criem instituições populares fortes. Por meio dessas instituições, pessoas oprimidas e exploradas desenvolvem a capacidade de suprir suas necessidades materiais, coordenar ações, exercer autoridade coletiva e continuar a luta ao longo do tempo. O exemplo de Kerala ilustra como o poder social enraizado na luta de classes pode atuar em conjunto com o poder governamental para sustentar e expandir as instituições cooperativas. A experiência do MST amplia essa ideia, mostrando como o poder social é construído e reproduzido por meio da tomada de decisões coletivas, da educação política e da luta contínua. As práticas do MST mantêm as famílias organizadas mesmo depois de conquistarem terras e ajudam a construir hábitos democráticos de falar, ouvir e tomar decisões em conjunto.

Construir uma cooperativa ou estabelecer um assentamento não é um fim em si mesmo, mas parte de um processo mais longo. Uma vitória torna-se o ponto de partida para uma organização mais ampla, seja para consolidar o poder social ou para reivindicar poder governamental – com cada ganho material ampliando a capacidade das pessoas de vencer a próxima luta. Quando as pessoas conquistam direitos sobre a terra, por exemplo, podem se recolher aos seus lotes individuais. Manter a atividade organizada, portanto, exige uma organização enraizada – como os grupos de base do MST, onde os membros tomam decisões e coordenam o trabalho de seus assentamentos, ou as organizações de massa que sustentam o movimento cooperativo de Kerala – juntamente com educação política e trabalho consistente. O capitalismo ensina aos trabalhadores e camponeses que sua sobrevivência depende da competição com seus vizinhos. No entanto, sua própria experiência mostra que a cooperação cotidiana é essencial, como demonstram os assentamentos e cooperativas em sua forma institucional. A atividade coletiva dá à solidariedade uma base material, atendendo às necessidades dos trabalhadores e colocando os valores socialistas em prática no dia a dia. A confiança social, corroída pelas pressões da realidade capitalista, é fortalecida por meio de responsabilidades compartilhadas e comprometimento demonstrado.

Damos continuidade a essa linha de pesquisa por meio de estudos sobre a Caravana Vermelha do Povo do Partido Comunista Sul-Africano, o trabalho da Mtandao wa Vikundi vya Wakulima Tanzania (MVIWATA, Rede Nacional de Grupos de Pequenos Agricultores da Tanzânia), as comunas da Venezuela e projetos de revitalização rural na China, como a Superliga das Aldeias. Publicações sobre esses temas serão lançadas em breve.



Esses exemplos ilustram como o poder social pode ser fortalecido pelo poder governamental: quando um governo de esquerda chega ao poder, ele pode defender e consolidar instituições populares e direcionar

recursos públicos para expandir seu trabalho. Ao mesmo tempo, o poder governamental permanece limitado por estruturas mais profundas do Estado e da economia que ele não controla. Essas estruturas operam tanto dentro quanto fora das fronteiras nacionais por meio do imenso poder das finanças e das corporações – como escrevemos em nosso dossiê ***Para além da polaridade: por uma teoria marxista da ordem mundial*** – bem como por meio das instituições e mecanismos internacionais do **hiperimperialismo**.

Sob o capitalismo, essas estruturas reproduzem o poder da classe dominante e corroem a capacidade da imensa maioria de exercer sua autoridade democrática. No Sul Global, as tentativas de usar o poder governamental para promover a soberania nacional enfrentam não apenas pressões internacionais e neocoloniais, mas também forças de classe internas que se beneficiam da dependência. É por isso que as raízes profundas do poder social são necessárias para a luta prolongada pela mudança do sistema.



O sindicato dos trabalhadores agrícolas de Bengala Ocidental acompanhou a trabalhadora para confrontar um dirigente do seu próprio movimento político. O compromisso mútuo não eliminou a necessidade de a

trabalhadora fazer uma reivindicação, mas forneceu a base para que ela insistisse que a sua reivindicação fosse levada a sério, e essa foi a lição que ela tirou dessa interação. A confiança da mulher e a disponibilidade do dirigente para responder ensinam-nos sobre a importância de renovar continuamente a relação entre os trabalhadores e os seus representantes eleitos. Os trabalhadores precisam de organizações por meio das quais possam exercer autoridade coletiva e responsabilizar os seus representantes.

Essa relação torna-se muito mais difícil quando as pressões da administração afastam os organizadores mais experientes de um movimento de esquerda dos bairros e locais de trabalho onde a sua força política foi construída. A urgência de defender um governo contra a direita pode fazer com que qualquer crítica pareça perigosa e pode fomentar hábitos de submissão e hierarquia. Se os trabalhadores são solicitados apenas a votar, aplaudir e esperar, então o poder social que levou o governo ao poder começa a enfraquecer. Um governo de esquerda precisa da iniciativa organizada do povo, incluindo a sua capacidade de identificar falhas e exigir que sejam corrigidas.



Cada avanço no poder social e governamental e cada passo em direção ao projeto de transformação sistêmica trazem novas responsabilidades e novas contradições. A educação política, a crítica e a avaliação honesta

ajudam os movimentos a navegar por essas contradições, mantendo o poder popular enraizado no próprio povo. O trabalho paciente da organização toma forma por meio de práticas cotidianas que constroem conhecimento e dão aos trabalhadores a confiança necessária para assumir maiores responsabilidades. Um novo mundo é construído quando os trabalhadores adquirem a capacidade de exercer autoridade sobre as instituições e as condições que moldam suas vidas.

Quatro décadas depois, ainda me lembro da mulher que apareceu à porta do escritório. Ela tinha uma queixa, uma organização por trás dela e a confiança para exigir uma resposta. A questão para a estratégia socialista é como essa confiança pode se transformar no poder organizado de milhões, capaz de mudar as condições que produzem tais queixas para bilhões de pessoas.

A confiança daquela mulher não surgiu do nada. Ela se baseava na organização que a apoiava e na certeza de que sua queixa não precisava ser aceita como destino. O poeta revolucionário guatemalteco Otto René Castillo captura algo semelhante em condições muito mais duras em "Lo más importante de todo" [O mais importante de tudo]. Depois que o exército esmaga uma greve de ferroviários por mais pão, alguns trabalhadores começam a se resignar à derrota. Mas um deles se recusa a deixar que a derrota se transforme em fatalismo. Seu otimismo revolucionário não é simplesmente uma questão de esperança. Ele nasce da experiência da luta coletiva e da convicção de que um revés não extingue a capacidade de se organizar e lutar novamente:

> No esqueçam
> companheiros,
> o tempo traz
> um sorriso vermelho
> Com cheiro de mandato das massas.
> Se não hoje, será amanhã.
> Se não amanhã, será depois.
> Sempre existe um depois
> para cada derrota.
> E os perseguidos de agora
> serão os perseguidores de amanhã.
>
> Aqui está, pois, o mais importante
> de sempre falar com o povo
> Ainda nas horas
> das mais amargas derrotas
> e das mais graves decepções,
> não esqueçam nunca
> companheiros,
> a palavra revolução
> está sempre unida
> ao vocábulo esperança.

Cordialmente,

Vijay